

Depoimento de Edgard Leuenroth

— Você já viu um formigueiro? Uma panela? As formigas possuem adiantada forma de organização social. Vivem num regime federativo, onde não há qualquer coação. Há uma perfeita divisão de trabalho. A sociedade estrutura-se pelas bases e tem as suas próprias defesas. Pois bem. Era exatamente assim que imaginávamos a República dos Sovietes. A comparação não é minha. É de um político paulista.

Edgard Leuenroth, com seus 86 anos de vida, puxa pela memória. Procura lembrar o nome do deputado ou senador de quem ouviu a comparação, há 50 anos passados. Não adianta o esforço. O nome não aflora.

— Era um político muito conhecido — prossegue. Mas não importa. Naquela época, creio que em 1918 ou 1919, eu trabalhava com publicidade e precisei ir ao seu sítio experimentar um fornecida.

para fazer o anúncio. Quando o empregado meteu a enxada no barranco, tirou a terra e o interior do formigueiro apareceu, o velho homem, sorrindo com certo ar de simpatia e compreensão, comentou: "É um soviete". Gostei da imagem e nunca mais a esqueci. Era a idéia que tínhamos do regime implantado pela revolução russa.

Edgard Leurenroth tem de militância do movimento social a mesma idade do século. Jovem, magro (como até hoje se conserva), rosto comprido, inteligente e rebelde, começou a militar no Centro Tipográfico de São Paulo. Em 1903, ingressou no Partido Socialista do Brasil, recebeu uma carteira e integrou-se no Círculo Socialista 1.º de Maio. Mas as soluções social-democráticas não o contentaram. São Paulo, onde havia um processo de industrialização mais intenso, apresentava vivo quadro da questão social, com tôdas as suas mazelas e brutalidades. As massas preferiam as medidas radicais. Ele, como tantos outros, aderiu aos ideais libertários. Assim, em 1904, juntamente com Neno Vasco (português), já dirigia um jornal anarquista, que se chamava *Terra Livre*.

"Que bonito nome, a *Terra Livre*, que tomastes para o vosso jornal" — diria Pedro Kropotkin, o líder anarquista russo, numa carta que, em 1906, lhe escreveu, agradecendo a importância de 4 libras esterlinas enviada aos revolucionários russos pelos companheiros do Brasil.

A REVOLUÇÃO DE 1905

— A revolução russa despertava o nosso interesse e a nossa atenção desde antes da explosão de 1905. Acompanhámos ardorosamente a luta contra o tzarismo. Em 1904, constituímos uma Comissão Pró-Mártires da Rússia, que divulgou alguns manifestos e promoveu um ato público.

A memória de Edgard Leurenroth, embora extraordinária, nem sempre pode precisar datas e nomes, dos quais mais de 50 anos o distanciam. Mas, não lhe faltam os documentos. Apanha alguns números dos jornais *Avanti* (socialista) e *La Bataglia* (anarquista) e mostra o manifesto "Pró-Mártires da Rússia", redigido em italiano e português.

"O grito angustioso que parte da inóspita Sibéria, trazendo-nos a dor dos inúmeros condenados russos, atravessa os mares e chega até nós pedindo o nosso conforto, a nossa solidariedade" — dizia o documento.

O proletariado, em São Paulo, ouviu o grito, atendeu ao apêlo e, em agosto de 1904, realizou-se o comício de solidariedade aos revolucionários russos. Assinaram a convocação o emigrado russo-polonês Alexandre Czerkiewicz, Valentim Diego, Ricardo Gonçalves, Edgard Leuenroth, Lorenzo Monaco, Antônio Piccarolo, Oreste Ristori e Neno Vasco.

— O comício realizou-se num teatro da rua São João, hoje avenida. Aqui, em São Paulo, havia um grupo de emigrados russos, que, ao final da manifestação, cantou músicas revolucionárias de seu país.

E Edgard Leuenroth continua:

— Foi um espetáculo bonito. Os russos cantavam os hinos da revolução. Não sei por que, se por falta de energia elétrica, mas tudo transcorreu à meia-luz, à luz de velas e de archotes, contribuindo para tornar ainda mais emocionante o ambiente. Quando ocorreu o levante de 1905, na Rússia, socialistas e anarquistas — naquele tempo lutávamos ombro a ombro — mais uma vez corremos para ajudar os companheiros e conseguimos arrecadar uma importância que enviamos a Kropotkin. Recebemos uma carta sua de agradecimento e na qual êle dizia ter repartido a soma em duas partes iguais, destinando-as tanto aos anarquistas como aos socialistas. Nesse documento, evidencia-se a alta ética que caracterizava a conduta dos militantes libertários: entre lutadores não há distinção para a sua solidariedade. A quantia, embora modesta, poderia ser dividida entre anarquistas e socialistas.

Salienta Edgard Leuenroth que, embora divergindo, todos batilhavam por um mesmo ideal.

— Éramos como uma só família. Aqui, em São Paulo, reinava a mais ampla camaradagem entre as correntes do movimento operário, socialistas e anarquistas, e participávamos unidos de tôdas as lutas. Fosse socialista ou anarquista, quando um caía prêso, todos se mobilizavam em sua defesa e para ajudar os seus parentes. Esse estado de espírito sempre presidiu o nosso comportamento.

SÃO PAULO REBELDE

Quando ocorreu a insurreição socialista na Rússia, Edgard Leuenroth contava 36 anos. Nasceu a 31 de outubro de 1881. Deixou a escola antes de completar o curso primário, para ser, sucessivamente, menino de escritório, balconista, aprendiz de tipógrafo e, finalmente, jornalista. Dirigiu vários jornais de tendência anarquista e anticlerical,

como *Fôlha do Povo*, *A Lanterna* e *A Plebe*. Como diretor de *A Plebe* teve destacada atuação na greve geral de 1917, que paralisou São Paulo por diversos dias e da qual se tornou um dos líderes de maior prestígio, integrando o Comitê de Defesa Proletária.

— Quando a revolução russa sacudiu Kerenski do poder, instituindo-se a República dos Sovietes, São Paulo ainda vivia as repercussões da greve que convulsionara, em julho, tôda a cidade e obrigara o govêrno a fugir. Ninguém esquecera os acontecimentos. A greve geral de 1917 foi um movimento espontâneo do proletariado, sem a interferência, direta ou indireta, de quem quer que seja. Foi uma explosão, conseqüente de longo período da vida tormentosa que então levava a classe trabalhadora. A carestia do indispensável à subsistência do povo trabalhador tinha como aliada a insuficiência dos salários. A reação imperava nas mais odiosas modalidades e a polícia invadia e devassava os lares e as organizações dos trabalhadores. O ambiente proletário era de incertezas, de sobressaltos, de angústias. A situação tornava-se insuportável. A revolução russa, por conseguinte, constituía uma esperança, uma promessa de completa libertação social. Como anarquistas, não poderíamos deixar de sentir-nos ligados pela nossa simpatia e solidariedade ao movimento revolucionário russo. Os anarquistas participaram dêsse soberbo esforço e contribuíram decisivamente para derrubar o domínio do capitalismo em sua forma político-econômica mais tirânica, a fim de estabelecer uma organização social consentânea com as aspirações de suprema justiça da coletividade humana, constituindo êsse movimento um surto grandioso na marcha da revolução social em todo o mundo.

O IDEAL LIBERTÁRIO

Em 1917, quando os bolcheviques tomaram o poder, Edgard Leuenroth estava às voltas com a polícia, por causa da greve geral de São Paulo.

— Muito tempo ainda não havia decorrido, desde o término do movimento, quando ocorreu a minha prisão. Peregrinei pelos postos policiais, porque as autoridades procuravam burlar os *habeas-corpus* requeridos em meu favor, o que só terminou quando me transferiram para a Cadeia Pública, hoje Casa de Detenção. Após seis meses, levaram-me ao Tribunal de Júri, que me julgou como o autor "psico-intelectual" da greve geral. Absolveram-me por unanimidade de votos, após dois adiamentos, com que visaram a impedir a participação do advogado Evaristo de Moraes na minha defesa.

Edgard Leuenroth lembra que, quando chegou a notícia da derubada de Kerenski pelos revolucionários russos, os anarquistas viram na República dos Sovietes a realização do ideal libertário.

— Sabíamos que havia diversas tendências entre os revolucionários russos. Não conhecíamos, porém, o que as distinguia. Em todo caso, naquele tempo, a orientação dos revolucionários não importava. Bastava que lutassem pelo mesmo ideal socialista, ou seja, que fôsem revolucionários. O resto, para nós, era secundário. Cada qual que tomasse a orientação que julgasse mais conveniente. Portanto, não fazíamos qualquer distinção entre os líderes da revolução. Tratávamos a todos igualmente. Eram revolucionários. Uma coisa, porém, cumpre observar: os jornais anarquistas da época, que apoiavam calorosamente a revolução russa, pouco ou mesmo nenhum destaque davam aos líderes da República dos Sovietes. O que nos importava, realmente, era a revolução social em si. A ela dedicávamos quase tôdas as páginas e as nossas atenções.

LÊNIN, TROTSKI, STÁLIN

No seu humilde e simples gabinete de trabalho, em cima de uma garagem, o velho Edgard Leuenroth movimentava-se com desembaraço. Sabe onde está, de olhos fechados, o documento de que necessita.

— A organização de um arquivo deve ser tão simples que até um cego possa manejar — comenta.

E apanha, numa das pastas, recortes e páginas de jornal.

— Veja aqui: um exemplar de *A Plebe*, publicamos um artigo de Lênin. É a *Carta aos Trabalhadores Americanos*. Mas, se você passar os olhos sobre a coleção de todos os jornais, verá que não fazíamos nenhum culto de personalidades. Publicávamos artigos e entrevistas de líderes soviéticos e homenageávamos os mártires da revolução social, de modo, porém, inteiramente objetivo.

Relembra que o nome de Lênin começou a despertar a atenção com a notícia de que atravessara a Alemanha num trem cedido pelo Kaiser.

— Aí, surgiram as indagações: quem é Lênin? quem é este revolucionário? As informações que tínhamos eram escassas. O nome de Trotski tornou-se também bastante conhecido. E não sabíamos quem era mais ou menos importante, se êle ou se Lênin. Dava-se igual destaque a ambos. Stálin é que não conhecíamos e só viemos a saber de sua existência, porque nos informaram do assalto a um banco, realizado por êle, justamente com um anarquista. Uma coisa,

entretanto, posso acentuar: a revolução russa empolgou-nos tanto que os detalhes sumiram e só muito tempo depois pudemos apreciá-los ou mesmo conhecê-los.

Edgard Leuenroth evoca o papel desempenhado pelo guerrilheiro anarquista Makno, dizendo que, só nos anos seguintes, começou a compreender, êle como todos os seus companheiros, as diferenças que havia entre a República dos Sovietes, dirigida pelos bolcheviques, e o ideal libertário.

— O movimento de Makno sensibilizou-nos muito, pois, a essa altura, creio que nos fins de 1919 ou 1920, já nos chegavam as informações sôbre as lutas entre os anarquistas e o governo soviético. Muitos, como eu, perderam a simpatia pelo regime que os bolcheviques dirigiam, mas outros aderiram ao Partido Comunista, que Astrojildo Pereira então articulava, supondo que aquêle era o caminho para os ideais libertários. Na verdade, os que formaram o Partido Comunista, no Brasil, não se julgavam fora do movimento libertário. Consideravam-se ainda anarquistas nos seus ideais e objetivos.

SAUDADE DE ASTROJILDO

O nome de Astrojildo Pereira surge na conversa. Edgard Leuenroth refere-se a êle com ternura e saudade.

— Astrojildo e eu fomos como irmãos — diz. Quando êle vinha a São Paulo, dormia no meu quarto e comia lá em casa. Senti muito a sua separação, quando êle deixou o movimento para formar o PBC. Recentemente, numa de suas crises cardíacas, fui visitá-lo e temi que a emoção do encontro agravasse ainda mais seu estado de saúde.

Tomando uma coleção do jornal *A Plebe*, de 1917, mostra:

— São artigos de Astrojildo. Aqui êle aparece com o pseudônimo de Astper.

Voltando às repercussões da revolução russa e ao entusiasmo com que os anarquistas a saudaram, relembra:

— Em 1919, decidimos comemorar o 1.º de Maio com um livrinho explicando aos brasileiros o que era a revolução russa. Antônio Candeias Duarte, comerciário, e eu passamos uma noite sem dormir para escrever o trabalho, que depois publicamos com o título *O que é o maximismo ou bolchevismo*. Aliás, levamos três serôes para realizar um trabalho tão completo quanto nos fôsse possível sôbre as doutrinas socialistas libertárias, para apresentá-lo aos trabalhadores brasileiros. E publicamos o livreto, com o meu nome e o de Hélio Negro, pseudônimo adotado por Antônio Candeias Duarte. Houve grande

saída, mas, o que ficou da edição os estudantes, instigados pelos policiais, tocaram fogo, quando, alguns meses depois, empastelaram as oficinas e a redação de *A Plebe*.

Sobre a mesa, está um opúsculo, hoje raro, de Everardo Dias: "Diário de um Exilado". Edgard Leuenroth abre uma das páginas. Everardo Dias contava o episódio de sua prisão e do interrogatório na polícia.

— Você sabe onde foi composto "*O que é o maximismo ou bolchevismo?*" — pergunta o tira.

— Nas oficinas da Imprensa Oficial.

Everardo Dias gozava. Como um combatente de fibra, não dava serviço à reação. Não se abriu. A polícia não conseguiu arrancar-lhe coisa alguma. E, contrariando os preceitos constitucionais, deportou-o. O opúsculo narra os episódios dessa viagem, até o seu retorno ao Brasil.

— Assim vivemos o impacto da revolução russa. E de forma intensa, pois tínhamos aqui um movimento operário muito combativo e atuante, como demonstra a greve geral de São Paulo, em 1917, antes da derrubada de Kerenski e da implantação da República dos Sovietes.

E concluiu:

— Fomos nós, anarquistas, que, enfrentando o ambiente adverso então aqui dominante, nos lançamos, desde o início, em defesa da revolução russa. Procuramos tornar conhecida a finalidade libertadora com que foi deflagrada. As coleções dos jornais e outras publicações anarquistas constituem um insuspeito documentário, contendo informações detalhadas de todas as iniciativas postas em prática pelos libertários, desde o artigo, o manifesto, até as manifestações de ruas e as greves de solidariedade decretadas pelo proletariado.